

● Ryan Patrick Hanley

NOSSO PROPÓSITO MAIOR

— ● —
Lições de
Adam Smith
sobre Viver uma
Vida Melhor



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

Sumário



Introdução	1
1. Do Interesse Próprio	11
2. Do Cuidado pelos Outros	15
3. Do Agir pelos Outros	19
4. Da Imaginação	23
5. Do Melhoramento de Nossa Condição	27
6. Das Misérias e Perturbações	31
7. Da Mente Saudável	35
8. Da Tranquilidade e do Prazer	39
9. Da Adoração às Riquezas	43
10. Da Amizade	47
11. Do Prazer	51
12. Do Ódio e da Ira	55
13. Do Ser Amado	59
14. Do Amar	63
15. Do Prosperar	67

16.	Do Ser Amável	73
17.	Do Ver-nos a Nós Mesmos	77
18.	Da Dignidade	81
19.	Da Igualdade	85
20.	Da Escolha	89
21.	De Si Mesmo e Dos Outros	93
22.	Da Perfeição	97
23.	Da Sabedoria e da Virtude	101
24.	Da Humildade e Beneficência	105
25.	Do Louvor e do Merecimento de Ser Louvado	109
26.	De Sócrates	113
27.	De Jesus	119
28.	De Hume	123
29.	De Deus	129
Epílogo. Por Que Adam Smith em Pleno Século XXI?		133
<i>Lista de Citações</i>		139
<i>Textos e Leituras Adicionais</i>		141
<i>Notas</i>		149
<i>Agradecimentos</i>		157

1

— * —

“Sem dúvida, todo homem é por natureza primeiro e principalmente recomendado a seus próprios cuidados, e como é melhor para cuidar de si mesmo do que qualquer outra pessoa, é adequado e correto que faça assim.”

Ou: o interesse próprio é parte da natureza humana, mas é um interesse próprio de um tipo bem particular.

O interesse próprio impulsiona o capitalismo. Tanto os apoiadores como os opositores do capitalismo concordam nisso, mesmo que não concordem em mais nada. Pergunte a um defensor do capitalismo por que esse sistema é melhor do que o socialismo. A resposta será que os seres humanos têm um interesse próprio natural e que devemos viver em um sistema que recompense o que é natural para nós. Pergunte a um crítico do capitalismo por que deveríamos preferir o socialismo, e a resposta será que isso se dá porque o capitalismo recompensa nossos impulsos mais baixos e egoístas, não deixando espaço para bens mais nobres, como justiça e igualdade. Ambos os lados, assim, parecem concordar que o fio condutor do capitalismo é que “ganância é bom”, conforme proclamou o personagem Gordon Gekko, vivido por Michael Douglas no filme *Wall Street*.

Mas o que exatamente é o “interesse próprio”? Adam Smith tem uma explicação muito boa para essa questão. Ele mesmo costuma ser considerado o campeão do interesse próprio; George Stigler, vencedor do Nobel, escreveu certa vez que o interesse próprio é o “granito” sobre o qual todo

o sistema de Smith foi desenvolvido.¹ No entanto, devemos ter cuidado nesse ponto. Smith realmente acredita que o interesse próprio é natural para nós. Isso fica muito claro ao lermos a citação no início do capítulo, na qual ele nos diz que “todo homem” é “por natureza” primeiro e principalmente recomendado a “seus próprios cuidados”. Assim, em um sentido mais profundo, é correto dizer que, para ele, estamos “programados” para sermos autointeressados. Porém, também fica muito claro que o que Smith quer dizer é muito diferente daquilo que o Dr. Stigler e o Sr. Gekko estão buscando.

Primeiramente, considere o pensamento de Smith sobre o que o interesse próprio nos leva naturalmente a buscar. O objetivo de uma pessoa conduzida pelo interesse próprio natural, diz Smith, é “seu próprio cuidado”. Podemos levantar a mesma questão hoje, ao dizermos que determinada pessoa está “cuidando de si mesma”. Com isso, o que geralmente queremos dizer é que essa pessoa cuida bem de sua saúde: come bem, não bebe muito, se exercita, dorme o suficiente, e assim por diante. Mas é exatamente isso que, de acordo com Smith, somos naturalmente levados a fazer, de forma imediata e primordial: cuidar de nossas necessidades básicas, especialmente aquelas com relação a nosso corpo, que precisam ser atendidas para permanecermos vivos. Ele diz a mesma coisa posteriormente: “A conservação e o estado saudável do corpo parecem ser os objetos que a natureza primeiramente recomenda ao cuidado de cada indivíduo”.²

A questão aqui é que nossas necessidades são diferentes de nossos desejos. As necessidades de nosso corpo foram determinadas pela natureza e estão limitadas a ações específicas: alimentação, descanso, e assim por diante. Nossos desejos e nossas vontades, no entanto, são provenientes de outro lugar. Pouquíssimas pessoas, eu suspeito, mesmo que pensem fazer sentido preferir uma Ferrari a um Ford, diriam que é “natural” querer uma Ferrari. De qualquer modo, e o que importa para nós é que a alegação de Smith não é de que seja natural querer uma Ferrari. O interesse próprio que, de acordo com ele, é natural para nós é aquele que nos incita ao autocuidado, e não ao interesse próprio, chamado de “ganância” pelo Sr. Gekko.

Em segundo lugar, ao sustentar que o interesse próprio é natural, Smith não está deliberadamente dizendo que o interesse próprio é bom. Voltando novamente ao Sr. Gekko: sua afirmação não é apenas de que a ganância é natural, mas de que ganância é “bom”. Aqueles que afirmam isso podem estar querendo dizer ao menos duas coisas diferentes: de que a ganância é *útil* para a sociedade, na medida em que o comportamento de consumidores motivados pela ganância estimule uma produtividade maior e crie uma sociedade mais rica; porém, também podem estar querendo dizer que a ganância é, de certa forma, *moral* ou *ética* e que aquilo que geralmente denominamos de vício é, na verdade, uma virtude — como sugerido pelo título do livro escrito por Ayn Rand, *A Virtude do Egoísmo*. Qual dessas é a posição de Smith, se é que ele se encaixa em alguma delas?

Há diversas evidências que sugerem que Smith concorda com a primeira colocação. Em *Teoria dos Sentimentos Morais* (para não mencionar *A Riqueza das Nações*), ele nos diz que “é bom que a natureza” tenha nos feito autointeressados, uma vez que isso é o “que dá origem e mantém em contínuo movimento a destreza dos homens”. Essa destreza, por sua vez, traz benefícios reais para sociedade como um todo. Especificamente os ricos, apesar de (ou, talvez, por causa de) “seu egoísmo e rapacidade naturais”, eventualmente “dividem com os pobres” a riqueza que suas atividades de interesse próprio produziram. A famosa mão invisível entra em cena a essa altura, com a explicação de Smith de que os ricos “são conduzidos por uma mão invisível a fazer quase a mesma distribuição das necessidades da vida que teria sido feita, caso a terra fosse dividida em porções iguais entre todos os seus moradores”. Em resumo, o interesse próprio de alguns supre as “necessidades da vida” de todos. O interesse próprio, portanto, não alcança apenas os interesses do indivíduo, mas também “o interesse da sociedade”.³

Assim, fica claro que, para Smith, o interesse próprio é útil. Mas será que ele também o considera bom em um sentido moral? Nesse ponto, é preciso ir com cuidado. A resposta curta é: depende. Em especial, depende de como é nossa atitude ao buscarmos nosso interesse próprio. Posterior-

mente, Smith diz explicitamente que “a consideração de nossa felicidade e interesse privados” pode parecer “em muitas ocasiões, como um princípio de ação bastante louvável” e que determinadas ações cultivadas por “motivos de interesse próprio” na verdade são “dignas da estima e aprovação de todos”.⁴ Mas Smith não era nem um pouco ingênuo. Ele sabia muito bem que as pessoas conduzidas pela esperança de alcançar “aqueles grandes objetos de interesse próprio” são geralmente levadas a agir de maneira “não apenas injusta, mas extravagante”.⁵ Dessa forma, a posição de Smith quanto à benevolência do interesse próprio é, no mínimo, mais pormenorizada do que a do Sr. Gekko. Para ele, o interesse próprio pode ser buscado moralmente. Porém, também pode ser buscado (e geralmente o é) imoralmente. Uma parte essencial do desafio de viver bem a vida consiste em compreender a diferença entre essas duas maneiras — uma questão sobre a qual falaremos a seguir.

Cabe mencionar uma última questão a respeito do interesse próprio. A citação de Smith encerra-se com a alegação de que todo homem é “mais adequado e capaz de cuidar de si mesmo do que qualquer outra pessoa”.⁶ Isso pode ser interpretado de duas maneiras. Uma delas é que podemos entender que ele está dizendo que cada um pode cuidar de si mesmo de forma mais eficaz do que qualquer outra pessoa. A outra interpretação possível é que podemos cuidar de nós mesmos de maneira muito mais eficaz do que podemos cuidar de outras pessoas. O próprio Smith, acredito, concorda com ambas as interpretações. A ideia essencial aqui e em outros lugares envolve uma responsabilidade pessoal — a noção de que somos nossos melhores cuidadores e de que tudo fica melhor quando apreciamos o fato de que as outras pessoas também são as melhores cuidadoras de si mesmas. Essa é outra questão à qual teremos motivos para retornar. Mas, por ora, o ponto principal é que Smith, de fato, acredita que temos um interesse próprio natural. Contudo, o que ele quer dizer com isso é algo muito específico e realmente algo muito mais limitado do que geralmente mencionamos atualmente quando falamos de interesse próprio e capitalismo.

2



“Por mais egoísta que se suponha o homem, há, evidentemente, alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo.”

Ou: por natureza não temos apenas interesse próprio; também temos um interesse natural pelos outros.

Segundo Smith, o interesse próprio nos é natural — como vimos. Mas nem de longe é a única coisa natural para nós. Afinal, além de cuidar de nosso próprio bem-estar, também cuidamos naturalmente do bem-estar dos outros. Como Smith diz na citação acima, parece haver “alguns princípios” em nossa natureza que nos levam a cuidar dos outros e nos fazem ter um “interesse” por seus destinos. Pois bem, o que exatamente são esses princípios é algo que Smith terá, é claro, que explicar. Talvez ele também devesse dizer algo sobre como passou a pensar dessa forma; até aqui, ele apenas nos informa que isso é óbvio. No entanto, nada disso deve nos fazer perder de vista a questão principal, algo simples, porém crucial: que o interesse próprio é apenas uma parte de nossa natureza. A outra parte é nosso interesse pelos outros.

Essa é uma afirmação marcante e importante, em parte porque está sendo feita por ninguém menos do que Adam Smith. Considerando-se sua reputação popular, não é surpresa para ninguém quando ele fala sobre o fato de termos um interesse próprio natural, como o fez na citação cen-

tral do capítulo anterior. Porém, a citação deste capítulo pode ser um tanto chocante para aqueles que estão acostumados a ver Smith como o padroeiro do interesse próprio. Fica claro, no entanto, que é Smith quem está dizendo isso, que não é uma frase que pode ser facilmente descartada ou considerada algo distante de suas preocupações reais. De fato, essa é a primeira frase de *Teoria dos Sentimentos Morais*, o que sugere um nível de importância para ele. Podemos considerar a questão da seguinte maneira: há uma tendência de que sejamos apresentados a Smith, atualmente, por meio de sua reputação popular como o campeão do interesse próprio. Ele mesmo, por outro lado, inicia seu livro sobre ética chamando a atenção para nosso interesse pelos outros. A lente pela qual Smith quer que vejamos sua vida moral é a de nosso interesse natural pelos outros, e não apenas a de nosso interesse próprio.

A afirmação de Smith também é marcante por um segundo motivo. Até aqui, descrevemos o que ele propõe como sendo um “interesse pelos outros” ou uma “preocupação pelos outros”. Parece ser justo, considerando-se a linguagem que ele usa nesse caso. Ao mesmo tempo, esses termos deixam a desejar no sentido de que não capturam tudo o que o autor busca. Isso se dá, em parte, porque falar sobre “interesse” é algo impassível. Dizer que não temos apenas interesse próprio, mas também um “interesse” pelos outros é usar a linguagem das ciências sociais contemporâneas e seus debates clínicos sobre “egoísmo” e “altruísmo”. Pois bem, o estudo científico social sobre egoísmo e altruísmo abriu espaço para muitos insights importantes, e longe de mim querer minimizar sua importância. Contudo, é importante enxergar que Smith está afirmando algo mais forte do que a maioria dos cientistas sociais desejam afirmar atualmente.¹ O ponto crucial levantado por Smith — seu ponto radical — não é simplesmente que temos um interesse altruísta natural pelos outros. É algo muito mais forte do que isso. O que a natureza de fato nos deu é um interesse pelos outros que é tão forte e tão poderoso que a “felicidade deles” é “necessária” para nós.

Essa é uma afirmação poderosa por diversos motivos. O primeiro e mais importante deles é que, quando Smith diz que a felicidade dos outros é “necessária” para nós, ele se esforça em derrubar as distinções que tendemos a fazer entre o indivíduo e a comunidade, entre o eu e a sociedade. Atualmente, tendemos a presumir que o eu e a sociedade são coisas distintas. Mas Smith luta contra isso. Em algum sentido profundo, todos nós, mesmo ao buscarmos perceber nossa individualidade, estamos ligados às pessoas a nosso redor de forma intrínseca. Isso traz importantes implicações sociais e políticas, é claro. Se a felicidade dos outros em nossas comunidades é realmente “necessária” para nós, então várias políticas familiares — e especialmente aquelas que privilegiam o bem-estar de um grupo ou uma classe à custa de outros — precisarão ser repensadas. Mas, por enquanto, o que importa é que Smith rejeita totalmente a ideia de que há algum tipo de relacionamento entre a minha felicidade e a sua que dê soma zero. Simplesmente não é o caso de eu poder ser totalmente feliz quando sei que você está totalmente infeliz. E isso, ele acredita, é verdadeiro até mesmo em relação às pessoas mais egocêntricas do mundo. “Por mais egoístas” que elas possam ser, são mais felizes quando as pessoas com as quais convivem estão mais felizes também.

A despeito de tudo isso, há outro motivo pelo qual essa afirmação de Smith é tão importante. E isso relaciona-se com suas implicações à questão principal que é foco neste livro. Mais uma vez, nosso foco é o desafio de viver a vida — concebida como uma unidade, que nos permita ver a ação unificadora e sintetizadora de todas as nossas partes diferentes.² Isso parece ótimo e válido. Mas, na linha introdutória do *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith deixa transparecer o grau de dificuldade que teremos. Isso porque temos, por natureza, duas partes que nos puxam em direções diferentes. Uma nos leva a cuidarmos de nós mesmos e de nossa própria felicidade, enquanto a outra nos leva a cuidarmos dos outros e de sua felicidade. Posteriormente neste livro, Smith voltará a esse assunto, dizendo-nos que “a grande divisão de nossos afetos é entre egoístas e benevolentes”.³ É uma observação simples. Mas essa “grande divisão” pode, de fato, ser um dos

maiores desafios a serem enfrentados por nossos esforços em prol de vivermos uma vida unificada.

Afinal, se não estivéssemos divididos dessa maneira, a vida seria fácil. Se apenas cuidássemos de nós mesmos, sempre saberíamos o que fazer. Sem quaisquer outros sentimentos conflitantes para interporem-se no caminho, poderíamos seguir um caminho de interesse próprio ao longo da vida e esquecer-nos de todos os demais. Talvez essa não seja uma boa vida, mas, pelo menos, é uma vida consistente. Portanto, se, da mesma forma, apenas cuidássemos da felicidade e do bem-estar dos outros e nunca déssemos atenção a nós mesmos, poderíamos dedicar-nos incondicionalmente ao bem-estar e à felicidade dos outros. Então, nosso interesse próprio nunca se interporia ante nossa devoção para com nossos semelhantes. Mas a verdade é que nenhum desses caminhos estará livre para nós se realmente esperamos fazer justiça em relação a ambos os aspectos de nossa natureza. A menos que estejamos prontos para sacrificar metade daquilo que a natureza nos levou a ser — e suspeito que a maioria de nós não está —, teremos que encontrar uma forma de vida que nos permita concretizar ambos os lados de nossa natureza, nossa preocupação individual e nossa preocupação pelos outros.